



## Mixing and matching: Approaches to Retouching Paintings

Rebecca Ellison, Patricia Smithen  
e Rachel Turnbull

Archetype Publications

London, 2010

179 pp., ilustrações, gráficos e figuras a cores, 24,5x17,5 cm

ISBN: 978-1-904982-50-0

Se bem que por vezes se tente generalizar, os métodos, os aglutinantes, os pigmentos, as técnicas de reintegração cromática são escolhidos de acordo com a preferência pessoal e em função do objecto. Esta ideia está patente e ilustrada no livro "Mixing and Matching: Approaches to Retouching Painting". Nessa obra, a história e o método de aplicação de cada técnica é discutido e exemplificado, sendo abordado nalguns casos os aspectos práticos e teóricos da combinação de cores.

O livro "Mixing and Matching: Approaches to Retouching Painting" sugere representar um importante contributo para a reintegração cromática. É uma recente publicação (2010) da *Archetype Publications* em associação com o *Icon Painting Group* e a *British Association of Paintings Conservator-Restorers* (BAPCR), e está estruturada de acordo com o evento de três dias, organizado pelas entidades acima mencionadas, que deram origem a esta edição.

A obra vem reforçar a literatura existente sobre reintegração cromática, somando-se a outras três publicações de referência: "Cleaning, Retouching and Coatings. Preprints of the Brussels Congress" de 1990; "Conference 2000: Retouching Filling" publicado pela Association of British Picture Restorers em 2000 e, por último, "The Postprints of the Image Re-integration Conference", publicado pela Northumbria University Press em 2007.

O tema escolhido para a realização das conferências, e conseqüente publicação, surge da necessidade de expandir e desenvolver o conhecimento sobre a reintegração cromática, além de promover troca de ideias e contacto prático com os diferentes materiais e técnicas. Cada dia de evento foi seguido de um *workshop* realizado pelos próprios conferencistas, aplicando na prática a teoria explanada durante a apresentação oral.

Os três dias de eventos foram organizados em três secções, cada uma subdividida em várias temáticas mais específicas. O assunto da primeira secção é sobre o uso da têmpera de ovo como aglutinante de reintegração, uma introdução de Rachel Turnbull e os artigos de Ann Massing, Alan Phenix e Mary Kempski; a segunda secção é sobre a reintegração com resinas, começa com uma breve introdução de Rebecca Ellison seguida de seis artigos dos seguintes especialistas: Paul Ackroyd, Spike Bucklow, Peter Koneczny, Sarah Cove, Kate Lowry e Jill Dunkerton. A última das secções é subordinada ao tema da reintegração

**Mixing and matching:  
Approaches to Retouching Paintings**

Rebecca Ellison, Patricia Smithen e Rachel Turnbull

---

de superfícies complexas. É feita uma introdução por Patricia Smithen e seguem-se os seis artigos de vários autores: Stig Evans e Andrew Hanson; Oriana Sartiani, Leonardo Severini, Paolo Roma e Marco Ciatti; Laurent Sozzani; Peter Koneczny; Simon Folkes e Sophie Reddington e finalmente, Shelley Sims, Maureen Cross e Patricia Smithen.

Especificando alguma das ideias anunciadas na primeira secção, o tema de Ann Massing é sobre a história da têmpera de ovo como aglutinante de reintegração. Fala sobre as suas origens e evolução desde Helmut Ruhemann até Herbert Lank - o primeiro director do *Halmilton Kerr Institute*, Universidade de Cambridge -, que continuou a prática e ensino da reintegração a têmpera de ovo durante gerações, chegando inclusive aos nossos dias. Faz um levantamento histórico sobre o uso desta técnica, que começa com pintores-restauradores como Christian Philipp Koster, Jacob Schlensinger, Joseph Marie van der Veken, passando por restauradores como Helmut Ruhemann e Joahannes Hell. Após o estudo das origens, Massing analisa a evolução da técnica a partir dos discípulos dos restauradores supracitados, bem como os materiais preferidos por todos os intervenientes.

Alan Phenix dedica dezoito páginas ao estudo da composição química do ovo e da têmpera de ovo. O autor faz uma revisão bibliográfica sobre a estrutura e a composição química, uma vez que considera ser uma informação relevante para perceber a têmpera de ovo como aglutinante de tinta. No artigo Phenix discute as propriedades dos filmes secos da têmpera de ovo, incluindo considerações acerca das alterações que ocorrem durante os processos de secagem e envelhecimento da tinta, e sobre a acção dos lípidos na película de têmpera. Importa anotar que, como conclusão, Alan Phenix informa que os pigmentos com iões metálicos podem influenciar fortemente os processos de envelhecimento e conduzir mais facilmente à deterioração.

Posteriormente, Mary Kempski aborda o tema da reintegração a têmpera de ovo. À semelhança de Ann Massing faz um levantamento histórico das origens do uso deste aglutinante, quer como técnica de pintura, quer como de reintegração. Fala sobre as vantagens e desvantagens descrevendo os materiais e utensílios necessários para a prática da tarefa.

Na segunda secção, o primeiro artigo é de Paul Ackroyd. É dedicado à história do uso de resinas para reintegração na *National Gallery*, em Londres. Demonstra haver uma progressão no emprego de materiais na instituição, desde o uso de resinas naturais até ao emprego de resinas sintéticas estáveis que não descolam e, ao que parece nos estudos técnicos, permanecem reversíveis com o passar do tempo. Anota que a constante procura de Helmut Ruhemann por materiais mais estáveis influenciou as escolhas na *National Gallery*. Informa ainda que há uma fase de transição entre a aplicação integral de têmpera de ovo e o uso de resinas sintéticas, que se caracteriza por um período em que se combinam a têmpera de ovo e a resina de policiclohexanona até ao ano de 1960, ocasião em que se introduz o produto comercial *Paraloid® B72*.

## Mixing and matching: Approaches to Retouching Paintings

Rebecca Ellison, Patricia Smithen e Rachel Turnbull

---

Spike Bucklow fala sobre o estado actual da investigação sobre a química das resinas para reintegração cromática, e sugere que a física, além da química, deve ser também um factor a ter em consideração no estudo e execução prática da reintegração. Em modo de conclusão, Bucklow informa que a química das resinas utilizadas para reintegração ainda não estão devidamente exploradas na literatura de conservação e restauro.

Peter Koneczny anota a interacção prática dos pigmentos com as diferentes resinas. Não só aponta as propriedades de cada um dos materiais como revela a influência imposta pela escolha da resina e do solvente para o acerto de cor e no caso particular em que se queira obter transparências. Realizou um *workshop* com o qual foi possível testar uma variedade de aglutinantes de reintegração. Destaca o facto das resinas de baixo índice de refração, como a *Mowilith® 20* e o *Paraloid® B72*, produzirem mais tintas opacas com pigmentos inorgânicos do que as resinas de elevada refractividade, como a *Laropal® K80*, *Regalrez® 1094* e *MS2A*. Estas últimas possibilitam velaturas mais transparentes com pigmentos inorgânicos. Para dispersão de pigmentos orgânicos, as resinas de baixo índice em solventes polares provaram ser melhores aglutinantes que as de elevada refractividade em solventes não polares.

Sarah Cove escreveu sobre a reintegração cromática com acetato de polivinilo, utilizando como alternativa a solventes polares e tóxicos um diluente baseado no produto *Industrial methylated spirit (IMS)* + água + *methoxy-2-propanol*. Segundo a ficha técnica dos produtos, o IMS é uma mistura de etanol (85% a 90%) com metanol (0% a 5%). É considerado muito inflamável, mas estável sob condições normais de uso. O *methoxy-2-propanol* é um derivado do álcool, além de muito inflamável é menos denso que a água e mais pesado que o ar. Em contacto com este último origina peróxidos instáveis. A autora explica ainda o processo de reintegração, bem como a preparação dos materiais até à obtenção do resultado final.

Kate Lowry expõe o processo de reintegração com *Paraloid® B72*, uma das resinas usadas no Reino Unido para reintegração de pintura a óleo desde 1960. Descreve a resina, os seus solventes, a sua preparação como aglutinante e o seu uso na reintegração cromática, enumerando vantagens e desvantagens. Segundo Lowry, uma das vantagens está no facto das reintegrações não descolorarem; uma desvantagem está na dificuldade em reproduzir pinceladas ou empastamentos, efeitos que devem, segundo a autora, ser feitos na massa de preenchimento.

A comunicação seguinte, da autoria de Jill Dunkerton, aborda o tema da reintegração com *Gamblin Conservation Colors*. O autor começa por explicar as desvantagens no uso da resina *Paraloid® B72* como aglutinante e os motivos que a levaram a utilizar os produtos *Gamblin Conservation colors*, cuja paleta é relativamente mais limitada de pigmentos opacos e transparentes. Aponta como aspectos negativos particularidades tidas como vantajosas por Kate Lowry, ficando evidente para o leitor que a experiência e gosto pessoal

**Mixing and matching:  
Approaches to Retouching Paintings**

Rebecca Ellison, Patricia Smithen e Rachel Turnbull

---

influi na selecção dos materiais. Dunkerton exemplifica a utilização destes materiais em painéis florentinos com cores a têmpera pouco saturadas e em pintura flamenga.

A terceira secção é dedicada à reintegração de superfícies complexas. O primeiro artigo é de Stig Evans e Andrew Hanson. No seguimento dos trabalhos realizados, por exemplo, por David Saunders, em 2000, Ruth Johnston-Feller, em 2001, e Roy Berns, em 2002, também estes dois investigadores anotam a importância da teoria e percepção da cor e do uso de um espectrofotómetro para análise e apoio à reintegração cromática. Depois de explicarem como se usa este equipamento de medição da cor e como se utilizam os dados fornecidos pelo aparelho, falam sobre a ciência da colorimetria. Indicam como as teorias podem ser usadas para resolver problemas associados ao acerto de cor e ao metamerismo. Apresentam dois projectos onde utilizaram o equipamento para auxiliar o acerto de cor através da comparação das curvas espectrais de reflectância das superfícies pintadas e dos pigmentos a utilizar para a reintegração sob diferentes fontes de iluminação. Os autores ressaltam que, embora seja um método possível, é necessário que o equipamento esteja validado por uma entidade certificada e que os resultados obtidos sejam bem interpretados.

Oriana Sartiani, Leonardo Severini, Paolo Roma e Marco Ciatti apresentam um caso de reintegração, que segundo os autores, é pouco usual, bem como a solução proposta para o problema. O trabalho foi realizado numa pintura de Michelangelo Ricciolini, um pintor italiano do século XVII. Antes de descreverem o problema de reintegração, os autores fazem uma breve contextualização histórica, avaliam o estado de conservação da obra e o processo geral de intervenção, desenvolvendo no final o tópico sobre a reintegração cromática. A peça apresentava uma área lacunar acima dos 25% da totalidade da obra. Como técnica de reintegração optaram pela selecção cromática por se adequar à vibração da pincelada da pintura; como materiais optaram por pastéis secos, posteriormente fixados com um fixador da *Winsor&Newton*®. No artigo são dadas considerações éticas, indicados e justificados os materiais, as técnicas empregues e o processo de reconstrução.

Os dois temas que se seguem são da autoria de Peter Koneczny. O primeiro é uma introdução à reintegração com géis de *Paraloid*® B72 e o segundo sobre as propriedades e aplicação desses mesmos géis. O objectivo na utilização destes materiais é permitir ao conservador restaurador imitar propriedades de textura da pintura, como as pinceladas. Existem 8 tipos de géis que podem ser misturados entre si ou com outros polímeros de modo a obter uma grande variedade de efeitos e texturas. Os géis são feitos a partir de uma resina acrílica (*Paraloid*® B72), dissolvida em solventes (éteres de propileno glicol) e para estabilização a adição de uma amina (HALS). Dois dos oito géis têm sílica “fumada” adicionada.

Simon Folkes e Sophie Reddington escrevem quatro páginas dedicadas à utilização da resina de silicone para texturar massas de preenchimento. Trata-se de um método útil quando a superfície a reintegrar deve apresentar um relevo semelhante com a obra original.

O último artigo é da autoria de Shelley Sims, Maureen Cross e Patricia Smithen. Pretendem

**Mixing and matching:  
Approaches to Retouching Paintings**

Rebecca Ellison, Patricia Smithen e Rachel Turnbull

---

divulgar uma investigação sobre aglutinantes de reintegração que possam ser adequados para as pinturas feitas com emulsões acrílicas. Para o efeito, vários aglutinantes foram submetidos a testes de envelhecimento à luz, naturais e acelerados, com o propósito de comparar os aspectos positivos e negativos de cada um. Os critérios de avaliação foram as características de manuseio, resistência à luz e a reversibilidade. O estudo demonstrou que dos aglutinantes testados poucos tiveram resultados satisfatórios para o objectivo pretendido. Concluíram que o aglutinante pode variar consoante o tipo de tinta, a natureza da superfície e o tipo de pintura de emulsão acrílica original. Foi, contudo, descoberto que *Lascaux*® é solúvel em água e o *Aquazol 200*® são os produtos mais versáteis.

Em suma, a informação documental reunida nesta publicação cumpre a sua função de divulgação e alargamento do conhecimento neste campo de intervenção em conservação e restauro, por reunir teorias, práticas de reintegração e enunciar propriedades físico-químicas de materiais que, normalmente, se encontram dispersas na literatura técnica. No final de cada artigo, como é costume nos trabalhos científicos, é ainda possível encontrar a bibliografia específica de cada um dos temas, bem como notas complementares aos dados fornecidos no texto.

Trata-se de uma obra de referência em reintegração cromática, na qual se contextualiza historicamente o tema, se partilham opiniões, se apontam vantagens e desvantagens da aplicação de determinadas técnicas e materiais.

Consideramos que a leitura desta obra, pela especificidade do tema, pode ser do interesse dos conservadores-restauradores, em particular daqueles que actuam com técnicas e condicionantes cromáticas. Por último, a publicação conduz à reflexão sobre o modo como se escolhe e se aplicam os materiais, bem como as técnicas de reintegração. Paralelamente, apela ao sentido de responsabilidade que se deve assumir no momento de reintegrar uma obra de arte, assim como à partilha de informação e trabalho de equipa que pode ocorrer durante a execução das operações.

Ana Bailão